

IDEOLOGIA

META

Examinar as principais noções/conceitos de Ideologia, segundo os autores que influenciaram fortemente o surgimento das teorias do discurso.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
identificar diferentes modos de compreender a noção de ideologia.

PRÉ-REQUISITOS

Aulas anteriores.



Ideologia pode ser entendida como um conjunto de idéias, conceitos e visões de mundo de um indivíduo ou grupo, que encobre as contradições existentes na sociedade.
(Fonte: www.hugocristo.com.br/old/imagebank/thumb255_dvi866018hccv.jpg)

INTRODUÇÃO

“Meus heróis morreram de overdose,
meus inimigos estão no poder.
Ideologia, eu quero uma pra viver”
(Cazuza, 1983).

“Não é a vida como está e sim as coisas
como são” (Renato Russo).

O termo ideologia é comumente utilizado com o sentido de conjunto de ideias sobre sociedade e sobre política. Para Karl Marx, a ideologia é o que aliena o homem, o que faz com que ele não compreenda sua própria realidade. A ideologia está a serviço da dominação, nas relações entre classes sociais, por imposição (MARX, & ENGELS, 1846/2002). É, no entanto, a partir de Althusser que a noção de ideologia é tratada de modo sistemático como resultante das práticas das instituições sociais. No seu livro *Aparelhos Ideológicos de Estado* (1985), Althusser propõe que estudemos a ideologia. Esses “aparelhos” podem ser a escola, a religião, a família, o sistema jurídico, o sistema político, a cultura, a informação etc. São meios para reprodução das relações de produção/exploração capitalista.



Capa de edição brasileira de *Aparelhos ideológicos de Estado*, de Louis Althusser. (Fonte: http://i.s8.com.br/images/books/cover/img4/6124_4.jpg)

DESENVOLVIMENTO**SUJEITOS (IDEOLÓGICOS) SEM SABER**

Para os estudiosos do discurso, sobretudo, a análise do discurso francesa (doravante AD) dos anos 60 e 70, a ideologia, ou “o funcionamento da instância ideológica” consiste naquilo que se convencionou chamar *interpelação*. Isto é, sob a “evidência” do que realmente somos há um processo de *assujeitamento* do sujeito. Assim, cada um é conduzido, sem perceber, mas tem “a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes antagonistas do modo de produção.” (PÊCHEUX & FUCHS, 1975, p. 165-166).

Um exemplo

Sem que pensemos a respeito, fora da nossa consciência, a escola nos ensina a respeitar hierarquias: a foto do presidente na sala do diretor, o diretor, o coordenador, o professor e o aluno. A escola nos ensina a respeitar o tempo: através da sirene temos os horários da aula, do recreio etc. A escola nos ensina que temos um espaço: na sala de aula temos cadeira, temos nome e número no diário de classe. A escola nos ensina a termos conosco a inseparável mochila contendo instrumentos de trabalho: cadernos, livros, lápis etc. E, claro, nenhuma criança vai perguntar o porquê de tudo isso no sentido mais forte: o social, o histórico etc. Esses ensinamentos da escola são fundamentais no processo de inserção do indivíduo (ser de carne e osso) nas relações de produção capitalistas. Ou seja, deixamos de ser muitos indivíduos para sermos um sujeito na sociedade. Vejamos, nesse processo, dois detalhes que interessam muito de perto a quem estuda o discurso.

O INCONSCIENTE E O SIGNO (LINGUÍSTICO)

Dois detalhes inseparáveis são decisivos para compreendermos as relações entre teorias do discurso e das ideologias:

- a) O primeiro é o fato de que os Aparelhos ideológicos de estado (AIE), como vimos no exemplo da escola, nos ensinam coisas sem que pensemos a respeito. Quer dizer, é um saber inconsciente.
- b) O segundo detalhe é justamente o papel do signo (lingüístico) nesses ensinamentos inconscientes.

A questão central é que os signos aparecem para nós como “transparentes”. Quando ligamos uma palavra a uma coisa, fazemos um percurso

“sem problemas” porque as palavras têm “significados evidentes”. Mas acontece que ao movimentarmos os signos, ou seja, quando a linguagem está em funcionamento, os diferentes modos de dispor o signo e as diferentes situações de uso acabam por produzir efeitos que muitas vezes não conseguimos controlar e o percurso entre as palavras e as coisas torna-se problemático. Para o estudioso do discurso, o signo linguístico, a linguagem em funcionamento, nunca é transparente, os significados não são evidentes, e sempre apontam em diferentes direções.

É por isso que para Bakhtin “um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia.” (1979, p. 17).

Outro exemplo

Vejamos uma situação.

Em um congresso, a palestrante projeta o mapa-múndi no telão.

Alguém avisa:

- Está de cabeça pra baixo!

A palestrante retruca:

- Por que o mapa está de cabeça pra baixo?!

Querendo fustigar os sentidos da convenção da cartografia mundial que dispõem em destaque na parte superior do mapa a Europa e os EUA, países historicamente dominantes, a estratégia da palestrante é realmente mexer com a questão da ideologia que nos leva a pensar a partir de uma certa hierarquia (“primeiro mundo na parte de cima, o segundo embaixo”). Observemos que é a partir do signo em funcionamento, ou seja, da disposição do mapa no telão, que a linguagem pode aparecer como não evidente. Vejamos dois pontos importantes para a análise:

a) A realização do enunciado “está de cabeça pra baixo!” significa um estranhamento e ao mesmo tempo um percurso não realizado pelo ouvinte da palestra. Ou seja, ao relacionar o signo (o mapa) com a coisa (o globo terrestre), e ver nessa relação “um problema”, uma “não evidência”, o falante nos revela a dimensão ideológica que nos afeta, a relação imaginária que temos com nossa existência.

b) Todo esse processo fica marcado na língua reproduzindo e transformando relações de dominação. Observemos que o enunciado projeta uma relação entre a disposição corpórea humana (a cabeça, o mais importante, na parte superior) e o o mapa no telão” Estamos diante da ideologia materializada. Estamos diante do discurso. Uma discussão histórica que interessa vem no site da wikipedia. Vejamos:

“Um mapa-múndi, também conhecido como planisfério, é um mapa que representa todo globo terrestre, tendo os dois hemisférios projetados lado a lado... A projeção do nosso globo mais utilizada até hoje foi a “Projeção de Mercator”, feita por Gerardus Mercator em 1569. Essa projeção, porém, é alvo de críticas, tanto por ser eurocentrista - a Europa é o centro do mapa - quanto porque o mapa é bastante distorcido nos extremos norte e sul do globo; por exemplo, a ilha da Groenlândia está duas vezes maior do que a América do Sul, quando na verdade é a América do Sul que é oito vezes mais extensa que a Groenlândia. A Projeção de Mercator foi sendo substituída por outras projeções, como a Projeção de Mollweide, a Projeção de Robinson e a Projeção de Winkel Tripel. Essas projeções deformam menos o mapa, e por isso vêm sendo mais adotadas. Todas as formas de projeção adotadas até hoje são denominadas anamórficas, já que transferem uma macro-geometria esférica e rugosa (topografia) para um plano, a partir de um ponto de referência. Essas variações históricas dos mapas em distorções nas proporções dos continentes podem sugerir relações simbólico-políticas, já que astronomicamente, não há início ou fim, nem parte superior ou inferior do globo. A despeito dos “centrismos”, a referência costuma ser o norte geográfico e magnético, e o eixo de rotação da Terra, exceto para mapas não-globais” (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mapa-mundi>)

ATIVIDADES

Gostaria de propor a todos uma pequena pesquisa (recortando e colando) expressões em enunciados que de diferentes modos estabelecem relações que hierarquizam os sujeitos sociais. Por exemplo, no enunciado (ver letra de música de Jorge Ben Jor):

“Ela mora muito longe”

Os signos apontam para relações que no dia-a-dia nos parecem bastante evidentes, transparentes. Mas, pensando bem, esse “morar longe” significa não apenas a distância física. Na verdade, a distância que aí se



estabelece é ideológica: o sujeito é que está sendo predicado nessa distância que é então discursiva. Por oposição, pensemos um pouco sobre um outro enunciado muito comum em propagandas de empreendimentos imobiliários:

“Venha morar perto de tudo”

Selecione enunciados com outras expressões que hierarquizam as relações:

Expressões numéricas: o primeiro, o terceiro mundo etc.;

Expressões temporais: o velho e o novo mundo;

Expressões espaciais: “Brasil profundo”.

Karl Heinrich Marx (1818-1883) foi um intelectual e revolucionário alemão, fundador da doutrina comunista moderna, que atuou como economista, filósofo, historiador, teórico político e jornalista. http://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx , foto do pensador.

“Louis Althusser (1918-1990) filósofo francês de origem Argelina. Althusser era, portanto, um pied-noir, termo que significa literalmente “pé-negro” e é usado em francês para descrever a população francesa que vivia na Argélia e que se repatriou na França depois de 1962, ano em que a Argélia se tornou independente, naquilo que foi um longo conflito sangrento. No seu uso corrente em francês, pied-noir é quase um sinônimo de repatriado”. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Althusser>)

CONCLUSÃO

Os estudos sobre ideologia e os que usam o conceito para produção de análise têm largo alcance na produção acadêmica. Sua extensão é historicamente tão ampla que nos últimos anos se fortaleceram posições contrárias a sua hegemonia.

RESUMO

Nesta aula, apresentamos o conceito clássico de ideologia construído pelo chamado materialismo histórico e reformulado pela AD. O conceito tem papel decisivo na compreensão do sujeito por parte de diversas teorias do discurso. Desde certas pragmáticas, passando pelo dialogismo bakhtiniano, até alcançar a chamada “Análise do Discurso francesa”. Para a AD, o conceito é decisivo porque dá sustentação a noção de sujeito assujeitado.



ATIVIDADES

Faça uma pequena pesquisa a partir de buscadores da internet (Google, UOL) recortando e colando ocorrências da palavra ideologia em diferentes contextos. Por exemplo, contextos políticos, acadêmicos, entre outros de sua escolha. Para isso, claro, é preciso cercar a palavra de outras (ideologia, senado brasileiro; ideologia, ciência, conhecimento). Em seguida, faça comentários por escrito procurando informar os sentidos da realização da palavra ideologia em função do que temos estudado.



Um exemplo

Em texto publicado no Jornal do Senado – Internet em 15/01/2003, vem a seqüência:

“Edmar Bacha registra que a tese, intitulada Inflação (Ideologia e Realidade), considera a teoria geral de Keynes como a ideologia da inflação moderna: ‘a inflação é vista como uma técnica de elevação de juros e rebaixamento salarial que garante ao mundo capitalista almejar o pleno emprego’”. <http://www.senado.gov.br/senamidia/parla/noticiadosenado>

Bem, como se vê, a palavra ideologia é realizada significando algo que antecede o funcionamento da inflação para o alcance de determinado objetivo. É uma estratégia para manipulação da realidade.

Boa pesquisa!

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, P. ; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo, Editora contexto, 2008.

PÊCHEUX; FUCHS. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas In: GADET; HAK. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP; Editora da Unicamp, 1997.